

Livro da semana

Viva México

★★★★★

Alexandra Lucas Coelho
Tinta da China, 17,90€

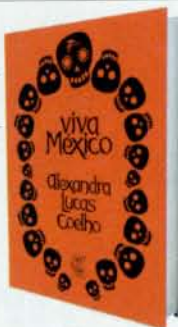
Depois dos volumes sobre Israel e a Palestina (*Oriente Próximo*) e sobre o Afeganistão (*Caderno Afegão*), o novo livro de Alexandra Lucas Coelho reúne a série de reportagens feitas no México para o jornal *Público*, acrescentando-lhes o muito texto que ficou de fora. Percorrendo o México durante pouco menos de um mês, entre Junho e Julho deste ano, a jornalista cobriu parte considerável do território, procurando aproximar-se dos temas e das grandes questões que costumam integrar qualquer abordagem àquele país: história, património, herança colonial, violência, narcotráfico, desigualdades sociais, emigração.

Quem tem da reportagem a ideia ingénua de aceder à cor local, ao ambiente e a meia dúzia de histórias, ora comoventes, ora chocantes, bem pode preparar o cérebro para a convulsão destes textos. O que aqui lemos não é o México dos postais, ainda que por aqui andem a Virgem de Guadalupe, as caveiras açucaradas e os *sombreros*. E também não é a hecatombe mostrada com cores sanguinárias, naquele tom fabricado para nos deixar chocados com a miséria alheia durante uns minutos, antes de passarmos às notícias da bola. O que aqui lemos é o resultado do encontro, dos muitos encontros que a repórter procura e regista. São as pessoas a matéria destes textos, as pessoas e a sua bagagem, que pode incluir

sombreros turísticos e assassinatos impunes. Por entre as ruínas dos aztecas, nas ruas de Oaxaca ou nas montanhas de Chiapas, não há cor local ou ambiente sem a gente que trabalha, sonha, lê as revistas do social, tem medo, come *burritos*, dorme com mais ou menos sossego, vive e morre, só que aqui com mais violência do que em qualquer parte.

E depois há Ciudad Juárez, o capítulo mais impressionante deste livro, onde podemos sentir o medo da repórter na cidade onde cada cabeça é um alvo, e onde os ecos do 2666 de Roberto Bolaño se misturam com o que lemos. Mas nem aí o medo faz do texto sensacionalismo. Às mortes sucessivas e ao seu excesso, descritos com realismo e objectividade, sobrepõem-se, uma vez mais, as histórias das pessoas, a sua rotina, o peso concreto do que fazem e desejam. Não é propriamente o lado humano, no sentido mais lamechas que o termo pode ter, mas antes a certeza do confronto em cada história partilhada: confronto diário entre o que se espera e o que se alcança, confronto dialéctico entre o passado de um país e a sua construção presente. E isso faz pensar e olhar o mundo de um modo que nenhuma reportagem-choque alcança.

Sara Figueiredo Costa



Alexandra Lucas Coelho
A repórter voltou à estrada



UMA PRENDA ESPECIAL

POR
JOSE MÁRIO SILVA

No verão passado, a jornalista Alexandra Lucas Coelho, do "Público", desembarcou na capital do México para três semanas de viagem, com o bicentenário da Independência e o centenário da Revolução como pretexto. O resultado é este espantoso livro-reportagem, que não fica aquém das suas obras anteriores: "Oriente Próximo" (2007) e "Diário Afegão" (2009). No princípio, há a Cidade do México, o monstro urbano, a cidade que não acaba. Numa escavação arqueológica, evoca-se o momento fundador em que Cortés subjogou Moctezuma, precipitando o declínio azteca. E há a Casa Azul de Frida Kahlo em Coyoacán, o "bairro bravo" de Tepito, a pulsação frenética das ruas. Este é evidentemente um livro de lugares. Depois da capital, subiremos ao epicentro da violência do narcotráfico (Ciudad Juárez) e desceremos até Oaxaca, Juchitán, Ixtepec, San Cristobál de las Casas (no coração de Chiapas e do zapatismo), terminando no Yucatán. O que nos fica na memória, porém, são as pessoas que se cruzam com ALC, muitas por mero acaso. Os artistas, os padres, os antropólogos, o casal que inventou uma "utopia a dois", os imigrantes centro-americanos em trânsito para os EUA, dezenas de homens e mulheres com histórias incríveis para contar. ALC fixa tudo numa escrita rápida, maleável, muito nítida e atenta aos detalhes. Por exemplo, uma mulher de 76 anos "parece uma rapariga que simplesmente envelheceu". Um mineral (obsidiana) transforma-se em arte poética: "Afiada, corta. Polida, faz de espelho. Nela se miraram imperadores, perscrutando o futuro. Pode servir para tudo e para nada, só a acumular energia séculos fora." A prosa não mostra a realidade, ilumina-a. A viagem de quem escreve torna-se assim a viagem de quem lê. Sorte a nossa.



VIVA MÉXICO

Alexandra Lucas Coelho
Tinta da China, 2010,
369 págs., €17,90